TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Antes de criticar os outros, é melhor olhar os defeitos de seus pares

Ideia de pacto entre governo paulista e facção criminosa é fora da realidade

Bruno Paes Manso e Camila Nunes Dias
Respectivamente, jornalista e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP e socióloga e professora da UFABC; ambos são autores de "A Guerra - A Ascensão do PCC e o Mundo do Crime no Brasil" (ed. Todavia)

O pré-candidato ao governo paulista pelo Republicanos, Tarcísio de Freitas, disse em abril que "São Paulo fez um pacto com o crime organizado, de não combatê-lo". Recentemente, o assunto foi retomado na sabatina da **Folha**/UOL. Tarcísio afirmou que sua informação estava "registrada na literatura especializada", citando como fonte nosso livro "A Guerra - A Ascensão do PCC e o Mundo do Crime no Brasil".

Não afirmamos isso no livro. A ideia do pacto é absurda e fora da realidade. Para que ocorresse, seria preciso contar com a conivência de mais de 100 mil policiais civis e militares, com a condescendência do Ministério Público e da Justiça paulista. Em 2012, mais de 100 policiais foram assassinados no estado. Parte deles morreu em decorrência de ordens vindas de dentro das prisões, como resposta às ações violentas da polícia contra integrantes da facção.

Se não existe pacto, não faltam erros na política de segurança pública de São Paulo que contribuíram para fortalecer o Primeiro Comando da Capital. Debatemos isso no livro. A facção soube crescer entre "as brechas do sistema", aproveitando as oportunidades oferecidas por um dos empreendimentos mais lucrativos do mundo, o mercado ilegal de drogas e das armas.

O PCC, como se sabe, nasceu em 1993, um ano depois do massacre do Carandiru, uma ação da Polícia Militar que matou 111 detentos. Após a chacina, lideranças dos presídios começaram a articular seu discurso de união dos presos paulistas para autodefesa. "O crime fortalece o crime", era um dos motes dos fundadores. "Nosso inimigo é o sistema".

O processo de expansão da facção continuou ao longo dos anos, quando São Paulo iniciou uma ampla reforma no sistema penitenciário. Até 1993 havia 36 unidades no estado, chegando a 179 ao longo das décadas. Junto com os novos presídios, as prisões se multiplicaram diante dos avanços das tecnologias de comunicação e da gestão da polícia.

Mais de 1 milhão de pessoas passaram pelo sistema penitenciário paulista nos últimos 30 anos. Para cumprir pena em meio à superlotação, os presos, liderados pelo PCC, passaram a definir regras nos presídios, com estatuto, normas de relacionamento e disciplina entre seus integrantes. Quanto mais se prendia, mais o Estado contribuía para o crescimento e fortalecimento da facção.

A rede de criminosos, articulada dentro e fora das unidades prisionais, profissionalizou-se: soube definir estratégias para chegar às fronteiras da América do Sul, passando a atuar no mercado atacadista, vendendo para outros estados e países.

> [...]
> Se não existe pacto, não faltam erros na política de segurança pública de São Paulo que contribuíram para fortalecer o PCC. (...) Um dos efeitos da profissionalização foi a redução do conflito entre criminosos e demais vítimas dos ciclos de violência. (...) Em compensação, o tráfico de drogas nunca foi tão lucrativo e forte

Um dos efeitos da profissionalização foi a redução do conflito entre criminosos e demais vítimas dos ciclos de violência. São Paulo, proporcionalmente, se tornou o estado com menos homicídios do Brasil, algo impensável nos anos 1980 e 1990. Em compensação, o tráfico de drogas nunca foi tão lucrativo e forte. Esse dinheiro entra na economia formal, gera empregos, se mistura no dia a dia das pessoas e tem capacidade de influenciar a política.

Existe um amplo debate sobre como fragilizar o PCC e diminuir o lucro do tráfico: inteligência, investigação financeira, compartilhamento de informações, reestruturação da política de segurança e da política prisional etc. Nada que faça parte da cartilha do populismo bolsonarista, que aposta numa população armada e na fragilização dos controles das polícias —o que implica, inclusive, acabar com o programa de câmeras corporais, um dos mais bem-sucedidos contra a corrupção e violência da polícia paulista e que também dá proteção e garantia ao trabalho dos policiais honestos.

Uma polícia sem controle e um comércio de armas desenfreado são as sementes das milícias, facções criminosas que atualmente controlam centenas de bairros do Rio de Janeiro. São Paulo gostaria de importar esse modelo de insegurança do Rio, berço das milícias e do bolsonarismo? Em todo o caso, se o pré-candidato realmente se interessa pelo tema do crime organizado, permita-nos sugerir outro livro: "A República das Milícias – dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro", de um dos autores deste artigo. Afinal, antes de criticar os outros, é bom olhar os defeitos de seus pares.

Mais esforço por ciência e tecnologia

Políticas têm papel crucial para determinar sucesso ou fracasso das nações

Benito Salomão
Doutor em economia, é economista-chefe da Gladius Research

Embora nem sempre esteja claro, a razão de existir da economia enquanto área específica do conhecimento científico é a investigação sobre a trajetória de prosperidade dos países. Esta foi a preocupação de Adam Smith quando publicou o clássico "A Riqueza das Nações", em 1967, e continua sendo a preocupação de grandes expoentes da ciência contemporânea, como Robert Solow, Robert Lucas, Paul Romer e Daron Acemoglu.

Existe hoje uma ampla literatura capaz de diagnosticar os fatores que levam um país a romper (ou não) o horizonte da renda média e tornar-se uma nação de alta renda. No passado recente, durante algumas décadas, alguns autores propuseram a chamada hipótese da convergência. Grosso modo, a hipótese da convergência pressupõe um país na fronteira da renda per capita e que a tendência dos países abaixo desta fronteira seria convergir para ela. Mais recentemente, a evidência empírica apontou que a convergência da renda per capita dos países mais pobres em direção aos ricos não se verificou. Ao contrário, houve divergência.

O Brasil, durante algumas décadas, foi tido como um país promissor nesse aspecto. As quase cinco décadas de longo crescimento econômico, entre os anos 1930 e 1980, causaram enorme esperança de que, no futuro, pudéssemos nos posicionar entre os países desenvolvidos. Isso, no entanto, foi interrompido, apesar dos avanços nas áreas econômica, social e institucional verificados a partir dos anos 1990.

Vale aqui frisar esses avanços. O Brasil fez parte do trabalho necessário em direção à renda mais alta: 1 - tornou-se uma economia industrial e diversificada; 2 - tornou-se uma sociedade urbana; 3 - tornou-se um país macroeconomicamente estável, apesar de fricções fiscais e monetárias de curto prazo; e 4 - realizou um dos maiores programas mundiais de inclusão e assistência social, além da universalização de serviços públicos.

> [...]
> Embora as restrições fiscais deixem claras as dificuldades, o Brasil precisa se esforçar em ao menos dobrar o seu gasto em ciência e tecnologia nos próximos anos, sob pena de continuar acumulando décadas perdidas pela frente

Apesar de todo o esforço, o país não foi capaz de romper a faixa da renda média. Pior ainda, começou a década de 2010, segundo o Banco Mundial, com uma renda per capita de US$ 15 mil por ano e terminou, em 2020, com US$ 14,8 mil. A economia dos Estados Unidos, nossa referência de ponto de convergência, saltou de US$ 49,8 mil para US$ 63,6 mil neste mesmo período.

Voltando à literatura, em modelos de crescimento endógeno como os de Paul Romer, a política de desenvolvimento científico e tecnológico tem papel crucial para determinar o sucesso ou fracasso das nações na convergência para os países de renda alta. Esse foi o esforço da Coreia do Sul, cujo governo gasta hoje, segundo a Unesco, cerca de 4,5% do PIB em ciência e tecnologia. Esforço significante faz o governo da China, empenhando 2,1% do PIB, ou o dos Estados Unidos, gastando 2,8%, enquanto o Brasil investe 1,1% na mesma rubrica.

Embora as restrições fiscais deixem claras as dificuldades, o Brasil precisa se esforçar em ao menos dobrar o seu gasto em ciência e tecnologia nos próximos anos, sob pena de continuar acumulando décadas perdidas pela frente.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Editorial da Folha em defesa da segurança das urnas eletrônicas mobilizou os leitores Abdias Pinheiro/SECOM/TSE/Divulgação

À prova de golpes

Vigoroso e assertivo, o editorial "À prova de golpes" (Opinião, 15/5) apontou as evidências que reforçam a confiabilidade das urnas eletrônicas. Está mais do que evidente que os que duvidam estão planejando golpe nas eleições deste ano.
José Elias Aiex Neto (Foz do Iguaçu, PR)

*

Corretíssimo o editorial sobre a lisura das urnas. Mas fico pensando: se o jornal tivesse tido a mesma firmeza quando Aécio Neves colocou em dúvida o resultado da eleição de 2014 contra o PT, teríamos chegado a esse ponto? Estamos pagando agora o preço daquela omissão?
Alex Fabiano Nogueira (São Paulo, SP)

*

Corajosa posição, mas o Brasil não está à prova de golpes. Pelo contrário, por mais denúncias contra o presidente e suas inserções antidemocráticas, do cargo não é apeado. Mantém-se pela compra do Parlamento e litígios que alimentam o terço, numérico e religioso, que ainda o apoia. Vamos ver o papel da imprensa, que em boa parte prefere a omissão travestida de isenção.
Adilson Roberto Gonçalves (Campinas, SP)

*

Caso as urnas brasileiras fossem à prova de fraude, não teriam medo de nenhum teste independente. Mas não vão levar a eleição com conversa fiada. A fotografia do fiasco do Pacaembu está viva. E não adianta pôr povo na rua no último evento da campanha, como é feito na Venezuela. Não vão ganhar com fraude.
Olavo Cardoso Jr (Marília, SP)

Racismo

Luanda sentiu-se mal e menosprezada por ter sido ignorada ao ter o atendimento rudemente interrompido por comentários inoportunos, desnecessários, só por causa da cor de sua pele ("Jornalista relata ter sofrido racismo em salão de beleza na Oscar Freire", Cotidiano, 15/5). Não é só falta de noção, de educação, de respeito. É racismo.
Makoto Shimizu (São Paulo, SP)

*

Quantas vezes não fui menosprezada pela minha tez brasileira. Seguranças sempre estão me seguindo. Nesta semana, por exemplo, vindo com uma sacola de frutas da feira, entrei numa loja de plásticos e a moça me mandou guardar a sacola num cofre ou perto do caixa. Falei que não e fui embora. Solidarizo.
Neli de Faria (São Paulo, SP)

*

Se toda vez que se falar que uma pessoa se parece com alguém a conversa tomar esse rumo, vai ficar complicado. Acho que ela é a típica pessoa difícil. Hoje temos realmente de andar pisando em ovos.
Marcos Martins (São Paulo, SP)

Terceira via

Desde o primeiro dia, Bolsonaro tenta implantar o militarismo/ditadura no país ("Órfãos da terceira via já discutem opção entre Lula e Bolsonaro ", Política, 15/5). Quem não se lembra das frases "Queremos o fechamento do STF", "Volta do AI-5", etc.? Está claro: entre Bolsonaro e a grávida de Taubaté, vote na grávida.
Otavio Gomes (Guaratinguetá, SP)

É inacreditável que o Brasil, com tantas personalidades competentes para serem gestores capazes de colocar o país novamente nos trilhos, tenhamos de amargar uma polarização ridícula que não leva a nada a não ser acrescentar problemas aos muitos já existentes.
Tersio Gorrasi (São Paulo, SP)

*

Tentativa meia boca de manter uma escravocracia limpinha e cheirosa no poder. A criatividade dos "pensadores" brasileiros esta acabando. Rodam, rodam, rodam, e não conseguem produzir nada. Por que será?
Flavio Pedrett (Salvador, BA)

*

De um lado, temos um ex-presidente que terminou seu mandato com 87% de aprovação ; de outro, um presidente atual que tem 60% de desaprovação. Dá para comparar? Qual a dúvida na escolha?
Edson Saito (São Paulo, SP)

Anticoncepcionais

Muito interessante a matéria "Pílula anticoncepcional é bênção" (Cotidiano,14/5). Uma correção importante: a inserção do DIU não precisa ser feita em hospital, sendo realizada em ambulatório ou consultório.
Thomaz Rafael Gollop, livre-docente em Genética Médica pela Universidade de São Paulo (São Paulo, SP)

Carlos Nobre

Em meio a tanta destruição do meio ambiente e dos sistemas de educação, ciência e tecnologia em nosso país, a escolha de Carlos Nobre para a Royal Society de Londres é um sopro de alívio e reconhecimento a esse eminente cientista. Os extremistas de direita, que têm em D. Pedro 2º um ícone, ele que foi o outro brasileiro nomeado para aquela prestigiosa instituição, silenciam agora.
Adilson Roberto Gonçalves (Campinas, SP)

Hepatite

É preocupante demais termos de contar com a pior gestão da Saúde na História do Brasil para lidar com mais uma ameaça.
João Henrique Florence (São Paulo, SP)

Ronaldo Lemos

Não existe carne vegetal, carne de verdade vem do animal ("Carne vegetal e o futuro do agro", Colunistas, 15/5). O resto é papelão ou soja, coisa para alimentar porco. Aliás, os três produtos contribuem para o desmatamento. Ser vegano não é opção para salvar as florestas.
Luiz Almeida (Curitiba, PR)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (15.MAI PÁG. A18) Em parte dos exemplares, o título "Governo blinda R$ 12,6 bi de fundos militares ao remanejar caixa da União" afirmava incorretamente que o volume blindado era de R$ 166 bilhões, cifra que se refere ao total de recursos desvinculados.

GUIA (14.MAI PÁG. C7) O texto da peça "Play Beckett", citada na reportagem "Saiba a quais estreias assistir nos teatros de SP", é de Samuel Beckett, e não de Simone de Lucia.